

A COMPREENSÃO DO OUTRO ENQUANTO ABERTURA AO DIÁLOGO NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE H.-G. GADAMER

THE UNDERSTANDING OF THE OTHER AS OPENING TO DIALOGUE IN THE PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS OF H.-G. GADAMER.

José Wilson Rodrigues de Brito¹

Resumo: O presente estudo tenciona uma discussão a respeito da dimensão ético-política a partir do pensamento de Hans-Georg Gadamer em sua hermenêutica filosófica. Esta reflexão se dá com base no problema relacionado à alteridade e solidariedade na perspectiva do diálogo. O estudo bibliográfico tem sua fundamentação básica nas obras *Verdade e Método* e seus escritos posteriores, a saber, *La Herencia de Europa* e *Elogio da Teoria*. A hermenêutica da práxis gadameriana coloca a questão do respeito ao outro como algo essencial nos dias atuais para que se possa alcançar uma consciência de cidadania que perpassasse o aspecto do diálogo como estratégia de compreensão do outro.

Palavras-chave: Abertura ao outro. Compreensão. Diálogo. Gadamer. Hermenêutica.

Abstract: The present study intends a discussion about the ethical-political dimension from the thought of Hans-Georg Gadamer in his philosophical hermeneutics. This reflection is based on the problem related to otherness and solidarity in the perspective of dialogue. The bibliographic study has its basic foundation in the works *Truth and Method* and his later writings, namely, *The Heritage of Europe* and *Praise of Theory*. The hermeneutics of Gadamer praxis poses the question of respect for the other as something essential in the present day so that one can achieve a citizenship consciousness that goes beyond the aspect of dialogue as a strategy of understanding the other.

Keywords: Opening to the other. Understanding. Dialogue. Gadamer. Hermeneutics.

Considerações iniciais

A partir da concepção de que Gadamer aborda em seus textos mais recentes uma perspectiva mais clara de sua postura ética e política no tratamento de questões voltadas ao outro, à solidariedade e ao diálogo, este artigo tenciona uma discussão concernente ao problema da consideração do outro em sua hermenêutica. Assim, perpassando a dimensão política como um aspecto de bastante relevância nos debates atuais do aprofundamento e continuidade interpretativa da hermenêutica filosófica na atualidade, especificamente no filósofo aqui tratado.

Neste sentido, pode-se afirmar que diferentemente de tantos outros teóricos que são tomados como filósofos políticos, Gadamer não tem em suas obras expressões tão

¹ Universidade Federal do Piauí. nosliwbrito@hotmail.com

claras que possam declará-lo como pensador que tenha desenvolvido uma filosofia política. Embora o mesmo não tenha desenvolvido precisamente uma filosofia política, pode ser apontado como um teórico que possibilita contribuições relacionadas à dimensão política, isto partindo de uma perspectiva voltada à construção de uma alternativa no que se refere ao diálogo cultural, pois como afirma Bernstein (2006), “creio que é o pensador mais incisivo sobre a natureza do diálogo dos filósofos do século XX”², de maneira que Gadamer se aproxima dos filósofos do diálogo e que direcionam suas reflexões ao problema da alteridade, ou seja, do outro.

Gadamer é a principal referência de desenvolvimento de uma filosofia hermenêutica na atualidade, tendo em vista que se debruçou arduamente sobre as temáticas concernentes ao entendimento, interpretação e aplicação da arte hermenêutica como *práxis* filosófica. Como recorte da aplicabilidade da hermenêutica gadameriana, cabe destacar que este pensador tem, em seus escritos mais recentes, o desenvolvimento de um caráter político em sua teoria, demonstrando em seu trabalho a existência de uma relação entre hermenêutica e política, embora se possa melhor perceber isto mais precisamente já no final de sua vida através de alguns discursos e ensaios, partindo de pressupostos da hermenêutica como *práxis* compreensiva.

Para melhor nortear a temática deste estudo, faremos no primeiro tópico uma exposição a respeito do problema da alteridade, que em Gadamer é tomado de forma mais usual o termo outro, bem como sua inserção no contexto da hermenêutica a partir da *práxis* filosófica. Dando sequência à abordagem temática será observado no segundo momento a possibilidade de existência de abertura ao outro como motivação para a efetivação de consciência de cidadania, tendo em vista que, no último tópico tratado, se possa chegar à compreensão da alteridade tendo como estratégia principal o uso do diálogo, sendo este um conceito chave na compreensão ético-política da hermenêutica de Gadamer.

A questão da alteridade (outro) e sua colocação na hermenêutica enquanto *práxis*

Na hermenêutica filosófica de Gadamer a amizade tem um papel fundamental no que se refere à discussão ética e política. Assim, é possível notar que fica implícito na questão da amizade um outro elemento que contribui de maneira significativa na

² BERNSTEIN, R. J. Si la acción fuera o pretendiera ser todo el pensamiento, ese sería el final del pensamiento. Richard Bernstein en conversación con la redacción de Areté. *Areté. Revista de Filosofía*, vol. XVIII, nº 1, p. 159-174, 2006.

discussão sobre a solidariedade. Este elemento diz respeito à função da alteridade na hermenêutica enquanto *práxis*. A partir da observação do que tem sido colocado até este ponto, se torna até tranquila a visão na qual a amizade consistia mais precisamente na unidade entre amigos, bem como no foco do “cuidar uns dos outros e do que eles têm em comum à negligência de suas diferenças”³. Sendo assim, a principal pretensão com isto seria a “ruptura da alteridade, de toda alteridade, era conquistar conhecimento de si no ser-outro”⁴. Entretanto, em resposta tanto a Derrida quanto a Habermas, Gadamer faz a seguinte questão?

Deparando-nos, com isso [...] apesar de todo esforço por reconhecer a alteridade enquanto alteridade, o outro enquanto outro, a obra de arte enquanto um impulso, a ruptura enquanto ruptura, o incompreensível enquanto incompreensível, não se abre um espaço grande demais no interior da hermenêutica para o entendimento e o acordo?⁵.

Isto se refere precisamente à questão que envolve Gadamer como um pensador que não deu tamanha importância ao problema da alteridade, colocando-o apenas como participante na fusão de horizontes isentando nesta, a dimensão do reconhecimento do outro. Isto por que, “de acordo com Derrida, molda o entendimento como uma fusão consensual, e assim, não dá uma visão real ao outro, seja em um texto ou na conversação com outra pessoa”⁶. Daí a necessidade de se percorrer melhor este caminho no qual se dá ênfase a questão do outro, tendo em vista que se mostra de grande importância para compreensão sobre a amizade e a solidariedade, tornando comum a nós o fator da compreensão de uns para com os outros como de maior relevância na reflexão sobre a alteridade do outro.

Gadamer permeia esta discussão conduzindo à compreensão de que na questão do conhecimento e da liberdade existe um objetivo comum revelado no aspecto de que existe na relação com a alteridade uma visão na qual “o outro não se torna meu domínio e nem sou seu soberano”⁷. Assim, ao se dar conta da finitude e limite quanto ao conhecer se tem uma maior possibilidade de autoconhecimento através da compreensão.

³ WALHOF, D. R. Friendship, Otherness and Gadamer’s Politics of Solidarity. *Political Theory*, vol. 34, n. 5, p. 569-593, 2006.

⁴ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 89.

⁵ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 90.

⁶ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*. Palgrave Macmillan; Grand Rapids, 2017, p. 105.

⁷ GADAMER, H. G. *Hermeneutics, Religion, and Ethics*. Trans. Joel Weinsheimer. New Haven: Yale University Press, 1999, p. 233.

Esta se alcança pelo papel que o outro nela desempenha, sendo que “o que está em questão para mim é saber por que experimento e sempre preciso experimentar uma vez mais de maneira nova o meu caráter limitado a partir da réplica do outro”⁸, isto de modo que se possa até mesmo estar em plenas condições para ultrapassar os próprios limites.

Conota-se a relevância da presença do outro para que se alcance o real entendimento tanto dos limites quanto do conhecimento por parte do indivíduo em relação com o outro, pois “o fato de eu existir como pessoa está em relação ao outro e, da mesma forma, o outro que está em relação a mim. Trata-se de perceber o nosso caráter limitado diante da réplica do outro, quando queremos efetivamente ultrapassar nossos limites”⁹, abrindo reais possibilidades para se obter entendimento. Deste modo, cabe ressaltar que Gadamer deixa claro que na medida em que se entende outra coisa a partir de sua diferença é necessário que se deve proporcionar abertura à verdade contida no outro. Isto acaba sendo tomada como a máxima da hermenêutica de Gadamer, uma vez que “compreensão envolve não só o reconhecimento de nossos próprios limites, mas o reconhecimento e o campo de verdade que nos confronta com o outro”¹⁰. O outro se mostra, então, como o referencial pelo qual se pode expor os limites da compreensão a respeito de algo, bem como pode ser tomado como forma pela qual venha a emergir um novo entendimento.

Em seu ensaio *Ciudadanos de dos Mundos*, Gadamer menciona dois aspectos do que se entende por comum, de modo que o primeiro é vislumbrado como a experiência que seja comum a todos, sendo ocasionado pela linguagem; o segundo sentido para o comum, e que compete especialmente à nossa investigação, é tomado como resultado de práticas solidárias entre os indivíduos humanos, de maneira que se direciona pela necessidade de uma solidariedade comunicativa, ao ponto em que esta desemboca em uma função, de “aprender a reconhecer o comum nos outros”¹¹.

O comum que nos vincula a todos não está dado, fechado ou mesmo fixo, mas em um constante fazer-se. Deste modo, pode-se afirmar que na atualidade há um novo imperativo moral, caracterizado especificamente por ativar e propiciar o diálogo entre

⁸ GADAMER, H. G. *Hermeneutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 25.

⁹ HAMMES, I. L. *Da voz do outro ao encontro de mundos: Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas*. 2012. 135 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2012, p. 36.

¹⁰ WALHOF, D. R. Friendship, Otherness and Gadamer’s Politics of Solidarity. *Political Theory*, vol. 34, n. 5, p. 569-593, 2006.

¹¹ GADAMER, H. G. *La herencia de Europa*. Barcelona: Ediciones Península, 1990, p. 116.

as culturas. A nosso ver, isto é alcançado pela hermenêutica, uma vez que ela proporciona o entendimento do outro com o qual se convive. Em Gadamer é possível notar o diálogo como aquilo que pertence à melhor herança que pode ser dada pela Europa.

Gadamer demonstra que existe, a partir da consciência histórica a consciência das diferenças, de modo que, através desta compreensão fica em aberto o caminho para a “superação na prática a povos e culturas estranhos”¹². A questão da alteridade se mostra de forma central nesta maneira de interpretar os fenômenos. Como pensado por ele, “ali está o outro que rompe com a centralidade do meu eu à medida em que me dá a entender algo”¹³, isto pelo diálogo.

Para Gadamer, ser cidadãos de dois mundos refere-se ao estar abertos ao outro pela pertença a um mundo dado pelos aspectos imanentes ao contexto no qual está inserido o indivíduo, ou seja, pela própria cultura. Abertura esta associada ao conceito de aplicação, bem como aos conceitos de diálogo e fusão de horizontes – mais a frente abordaremos de modo mais contundente - que podem proporcionar uma reconstrução do outro que seja respeitado em sua diferença. Desta maneira, Gadamer almeja com sua filosofia prática, contribuir para que a comunidade política possa ser este espaço de abertura ao diálogo solidário entre as tradições, bem como até mesmo em culturas diversas.

Cabe ressaltar que na contemporaneidade vive-se uma ampla autoalienação em relação à própria civilização, uma vez que se vê constantemente a dependência da humanidade no que se refere ao que construímos à nossa volta. É neste sentido que se nota a urgência de se conduzir o homem novamente à própria compreensão de si mesmo. Desta maneira, por um lado, é notória a ameaça de que, através de um “mundo tecnificado, fiquemos inteiramente submissos ao controle ou mesmo ao domínio de especialistas”¹⁴; por outro, a iminência do risco de que as relações entre a diversidade de culturas sejam cada vez mais conflituosas, podendo alcançar o patamar de dificuldades quanto à articulação política dessas sociedades, bem como a convivência em paz no que concerne à dimensão das relações internacionais.

¹² GADAMER, H. G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 145.

¹³ GADAMER, H. G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 17.

¹⁴ GADAMER, H. G. *Elogia da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 79.

Isto remonta à preocupação notada a partir dos últimos textos de Gadamer, onde ele se mostra inquieto quanto ao problema relacionado ao diálogo cultural, uma vez que esta relação entre culturas diferentes proporciona o risco de autodestruição humanitária, pois apenas uma filosofia entendida como arte, cultura, diálogo, é a forma na qual a racionalidade reconhece o próprio limite, próprias pretensões e se põe em escuta do outro.

Como Gadamer recomenda, é uma tarefa ética e política a discussão a respeito do encontro de mundos, ou seja, do diálogo entre culturas diferentes. Entretanto, mesmo no outro e no que seja diferente se pode realizar o encontro consigo mesmo. Aqui cabe destacar que Gadamer, em seus últimos escritos dá maior ênfase à hermenêutica tendo como tarefa o escutar a voz do outro, impulsionando à comunidade política ser este encontro de mundos, isto é, aberta ao diálogo com o que pode ser tomado como diferente. Desta maneira, existe uma preocupação com a dimensão do outro e suas particularidades, bem como busca apontar estratégias rumo à compreensão ética a partir do diálogo solidário e compreensivo, tendo em vista que “devemos aprender que escutando se abre o verdadeiro caminho no qual forma a solidariedade”¹⁵ para que se possa viver em harmonia, tomando como elemento comum a compreensão do outro a partir de si mesmo ao considerar as diferenças existentes em cada caso e circunstâncias apresentadas. Deste modo, nosso hermenêuta alemão é, assim, exemplar na expressão de elementos teóricos indispensáveis para uma ética hermenêutica que mostra a necessidade de haver o reconhecimento do outro, uma vez que, em suas palavras,

[...] justamente o fortalecimento do outro contra mim mesmo descortina para mim pela primeira vez a possibilidade propriamente dita da compreensão. Deixar o outro viger contra si mesmo – e foi a partir daí que surgiram todos os meus trabalhos hermenêuticos – não significa apenas reconhecer em princípio o caráter limitado do próprio projeto, mas exigir precisamente que alcancemos um âmbito para além das próprias possibilidades no interior do processo dialógico, comunicativo, hermenêutico¹⁶.

Neste sentido Gadamer faz uma importante reflexão a respeito da dimensão da finitude humana, tendo em vista que esta consiste nos próprios limites que o ser humano experimenta ou mesmo conhece frente às relações com os outros. Limites estes que são constatados na consciência de certas impossibilidades de adequação àquilo que é

¹⁵ GADAMER, H. G. *Arte y Verdad de la Palabra*, Barcelona: Paidós, 1998, p. 74.

¹⁶ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, pp.23-24.

exigido pelo outro, ou seja, da compreensão das exigências do meu outro. Ocorre, com isto, a necessidade de abertura ao outro pelo diálogo.

Desta forma, para complementar esta questão da importância da relação entre o eu e o tu, ou seja, para com a alteridade que culmina com a dimensão ética voltada as dificuldades enfrentadas por este ser finito diante do outro. Cabe destacar que há de considerar a existência de uma correlação em que não haja apenas uma direção no uso da fala, uma vez que, como argumenta o hermenêuta, “o fato de o outro não ser no diálogo apenas destinatário, mas também parceiro do diálogo”¹⁷, denota o movimento dialético existente entre os indivíduos que se dão a conhecer neste jogo de perguntas e respostas levando em conta a alteridade do outro.

Uma possível consciência de cidadania aberta à alteridade

Como menciona Gadamer em seu texto *A análise da consciência histórica efetiva*, em *Verdade e Método* “na medida em que aqui o objeto da experiência tem um mesmo caráter de pessoa, esta experiência é um fenômeno moral, e o é também o saber, adquirido nesta experiência, a compreensão do outro”¹⁸. Deste modo, esta relação com a alteridade acaba se tornando um ponto fundamental na reflexão hermenêutica gadameriana, uma vez que deixa claro que, para melhor explicar esta relação entre o *eu* e o *tu*, aponta pelo menos três formas específicas de experiências com as quais o *tu* pode se defrontar na hermenêutica. Percorreremos abaixo estas três experiências do tu na hermenêutica.

Na primeira, em que o tu parte da observação do comportamento dos outros seres humanos nota determinadas características ou elementos tomados como típicos, proporcionando o conhecimento destes seres como pessoas. Nesta experiência o outro é compreendido assim como qualquer outro tipo de objeto no campo de experiência, onde o seu comportamento serviria apenas como um meio para se alcançar um fim. Aqui é possível observar que a postura de Gadamer é crítica quanto a esta forma de se colocar o tu nesta relação de conhecimento, tendo em vista que seria uma experiência muito restrita do ser humano, tal como aplicada pela metodologia das ciências naturais.

Quanto a segunda forma de experimentar e compreender o tu é tomada como o reconhecimento deste como pessoa e, como atenta Gadamer, é uma compreensão

¹⁷ GADAMER, H. G.. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 175.

¹⁸ GADAMER, H. G. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis – Rj: Editora Vozes, 2008, p. 528.

direcionada a si mesmo, de modo que esta auto referência é fruto da aparência dialética, trazida consigo na relação-eu-tu. Assim, esta relação já pode ser vista como reflexiva, e não pertencente à imediatez da situação. Como pressuposto dialético, sabe-se que a cada pretensão existe imposta uma contrapretensão, e com base nisso se alega o surgimento da possibilidade “de que cada parte da relação salte reflexivamente por sobre a outra. Ele pretende conhecer por si mesmo a pretensão do outro e inclusive de entendê-lo melhor que ele mesmo se entende. Com isso, o tu perde a imediatez com que orienta suas pretensões a respeito de alguém”¹⁹. Seria como se fosse uma forma de domínio impulsionado pela reflexão quando se subtraem as pretensões do outro ao antecipar-se nesta compreensão e conhecimento do mesmo, mantendo, então, distância àquelas, pois assim, “a consciência histórica perde seu contato com a tradição por querer distanciar sua finitude da história que lhe chega transmitida pela própria tradição”²⁰.

Para Gadamer a narrativa concernente à experiência do tu pode ser denominada como *consciência histórica*, onde nesta está presente a alteridade do outro, bem como não deixa de fora o passado histórico dessa alteridade. Ainda pode ser acrescentado que nesta mesma dimensão tem espaço a compreensão do tu como algo que é pessoal, assim como de modo único em seu aspecto histórico. Cabe ressaltar ainda, nas palavras de Gadamer que:

Aquele que não quer conscientizar-se dos preconceitos que o dominam acaba considerando erroneamente o que vem a se mostrar sob eles. É como na relação entre eu e o tu. Aquele que sai reflexivamente da reciprocidade de uma tal relação altera-a e destrói sua vinculatividade moral. Da mesma maneira, aquele que sai reflexivamente da relação vital para com a tradição destrói o verdadeiro sentido desta. A consciência histórica que quer compreender a tradição não pode abandonar à forma metódico-crítica de trabalho com que se aproxima das fontes, como se ela fosse suficiente para proteger contra a intromissão dos seus juízos e preconceitos. Verdadeiramente tem que pensar também a própria historicidade²¹.

A partir deste conhecimento, bem como do reconhecimento da tradição no compreender o outro é que se pode conduzir, segundo Gadamer, à terceira experiência do tu, tomada como a mais elevada no sentido de ser adequada ao campo da experiência

¹⁹ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008, p. 530.

²⁰ DA SILVA, D. J. S. Apontamentos sobre a experiência do outro, amizade e solidariedade em H.G. Gadamer. *Revista Peri*, v. 06, n. 01, pp. 77 – 98, 2014, p. 86.

²¹ GADAMER, H. G. *Verdade e Método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008, p. 532.

hermenêutica. Aqui se dá a autenticidade desta etapa, uma vez que a mesma é notável na consolidação da experiência do tu e sua relação com a tradição, cabendo ressaltar a necessidade de abertura à tradição pela consciência da história efetual. Neste sentido, nas palavras de León, “cada nova compreensão, efetivamente, nos diz ‘esse é tu’. Assim, interpretação e crítica no momento de desenvolvimento do próprio horizonte fazem possível um novo autorreconhecimento, mas que não exclui as diferenças, fazem possível uma consciência de cidadania aberta à alteridade”²². Com isto pode ser afirmado que na terceira experiência do tu a abertura ao outro deve ser entendida como esta consciência e reconhecimento do estar disposto a dar validade em mim àquilo que seja contra mim, mesmo não havendo um outro que o faça valer contra mim.

Quanto a estas três formas de experiências do tu na hermenêutica, cabe considerar a reflexão de sempre considerar a validade da tradição com suas pretensões, e não simplesmente como reconhecimento da alteridade do passado, mas no modo em que possa ter algo a dizer, necessitando, então de uma forma específica de abertura. Esta vista como “uma tolerância que permite o reconhecimento recíproco das respectivas pretensões de validade, uma tolerância que nos permite, por sua vez, ao reconhecimento e à construção do tu, e da própria identidade como cidadãos que se reconhecem entre sim com iguais direitos”²³.

A reflexão hermenêutica direciona à ética “uma profunda postura humanista presente na pessoa e nos escritos de Gadamer, calcada no diálogo e na busca transparente do entendimento e respeito com outro”²⁴. Respeito este que consequentemente pode ser tomado a partir de uma abertura à alteridade nas mais diversas relações entre os sujeitos partícipes do saber prático. Neste sentido, pode-se afirmar que,

[...] a abertura ao outro e à tradição nos permite pensar que no âmbito da convivência entre os indivíduos e as comunidades pode se desenvolver uma experiência hermenêutica que pode, ao mesmo tempo, preservar as características de cada tradição e abri-las a um redimensionamento a partir da própria compreensão que cada tradição pode desenvolver de si quando em contato com as demais²⁵.

²² LEÓN, L. O. Ciudadanos de dos mundos: Lo mejor de la herencia europea, según H. G. Gadamer. *A Parte Rei Revista de Filosofía*. Nº 57, 2008, p. 2.

²³ LEÓN, L. O. Ciudadanos de dos mundos: Lo mejor de la herencia europea, según H. G. Gadamer. *A Parte Rei Revista de Filosofía*. Nº 57, mayo 2008, p. 2.

²⁴ CARVALHO, H. B. A. de. Em torno à H.-G. Gadamer. *Síntese – Revista de Filosofía*, v. 29, n. 95, pp. 425-436, 2002, p. 427.

²⁵ DA SILVA, D. J. S. Apontamentos sobre a experiência do outro, amizade e solidariedade em H.G. Gadamer. *Revista Peri*, v. 06, n. 01, pp. 77 – 98, 2014, p. 87.

Diante disso, cabe então observar a discussão a respeito da abertura ao outro numa consciência de cidadania, não são poucos os mais diversos problemas encontrados nas sociedades contemporâneas, como por exemplo, o uso exacerbado, por parte das autoridades políticas, do poder político para beneficiar a seus próprios interesses, bem como das questões ligadas ao meio ambiente e armamentos nucleares.

No que concerne à questão da cidadania relacionada à alteridade, é possível observar que Gadamer nota a existência de certo conflito entre amizade e cidadania, uma vez que a primeira condiz muito com a dimensão do viver juntos por parte dos praticantes da mesma e a cidadania, seria mais voltada a aspectos legitimados pelo Estado enquanto cumprimento de direitos e deveres numa busca por harmonia social.

Cabe destacar uma especial atenção à percepção sobre as solidariedades já existentes nas próprias comunidades, de modo que ele não coloca a solidariedade como algo que precisa ser criada, uma vez já existente, pois para ele é preciso a conscientização das pessoas a respeito daquilo nos une. Como afirma Carvalho, a tarefa de real urgência atual “é tornar claro que a solidariedade é o grande pressuposto básico para o homem realizar as tarefas essenciais da humanidade, de tal forma que se possa desenvolver convicções comuns”²⁶. Assim, é notável na dimensão ético-política de Gadamer a existência da pressuposição de comunidades já terem em si as solidariedades, cabendo explicitar estas coisas em comum, embora as mesmas possam se tornar difíceis de serem vistas.

Nesta perspectiva pode-se apontar que a consciência de uma cidadania aberta à alteridade, visualizada na hermenêutica de Gadamer, traz a provocação de que “efetivamente o encontro com a alteridade propõe um sentido novo, um sentido presente”²⁷, que não é tomado como um retorno ao passado, como um círculo vicioso, que estaria pautado na mera repetição de algo ou conteúdo do passado. Em seu ensaio *A ideia de tolerância: 1782-1982*, presente na obra *Elogio da Teoria*, como menciona Gadamer,

A tolerância está em acção em tudo, não só enquanto virtude de convívio que nos é inculcada, mas como fundamento da disposição anímica humana, que conta com a alteridade do outro e com a

²⁶ CARVALHO, H. B. A. de. Em torno à H.-G. Gadamer. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 29, n. 95, pp. 425-436, 2002, p. 428.

²⁷ LEÓN, L. O. Ciudadanos de dos mundos: Lo mejor de la herencia europea, según H. G. Gadamer. *A Parte Rei Revista de Filosofia*. Nº 57, mayo 2008, p. 5.

multiplicidade das alteridades que existem, par a par, na nossa realidade tão complicada e tão variadamente emaranhada ²⁸.

Assim, é notória a inquietação de Gadamer com o problema relacionado à ausência de tolerância em suas mais diversas circunstâncias no pensamento e forma de vida social contemporânea. Como mencionado acima, esta virtude perpassa a todos os aspectos das relações humanas em um mundo tão complexo, cabendo considerar não apenas a alteridade do outro, mas também a multiplicidades destas alteridades que compõem um mundo caracterizado por diversas línguas, tradições, culturas e religiões. Cabe observar nas sociedades atuais a criação de novas formas de intolerâncias que podem ter como pano de fundo de suas origens os fatores ligados às novas tecnologias da comunicação e de tráfego, o encurtamento das distâncias bem como outras maneiras de mobilidades de nosso tempo. Isto por que, no concernente à utilização de determinadas ferramentas, como por exemplo, os meios de comunicação, que conduzem ao anonimato, as mesmas podem interromper as relações de proximidade entre o si mesmo e o outro, de modo acabam colocando em uma situação de risco o poder de deliberação política, bem como a formação de opinião.

Com isto surge o questionamento a respeito da função da hermenêutica filosófica enquanto prática no âmbito cosmo-político, frente aos problemas da efetivação política das democracias contemporâneas. Desta forma, Gadamer recorre à dimensão da necessidade da solidariedade, tendo como tarefa não apenas superar a distância e a estranheza do passado, mas também os mesmos dos outros, destacando que “a tolerância torna-se de novo a mais rara das virtudes” ²⁹. Daí a tarefa urgente em reconhecer no outro e na alteridade o que nos une enquanto pertencentes a uma comunidade política, ou seja, a solidariedade entre os indivíduos.

O diálogo como estratégia de compreensão do outro

A partir do que foi elencado até este ponto, é possível notar que Gadamer dá uma maior importância ao diálogo como “fundamentação de nossa orientação no mundo pelo elemento da linguagem” ³⁰, sendo que por ele se pode criar vínculos com os demais com quem convivemos em nossa coletividade em busca de uma melhor compreensão de

²⁸ GADAMER, H. G.. *Elogio da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001, p. 94.

²⁹ GADAMER, H. G. *Elogio da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001, p. 95.

³⁰ GADAMER, H. G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 17.

uns para com os outros. Gadamer argumenta que a mesma, ou seja, a compreensão recíproca só pode ocorrer à medida em que se entende algo, uma vez que ao aproximarmos de algo pelo diálogo, “nós começamos a compreender, mesmo que não saibamos, para onde isso conduz”³¹, dado que fazemos parte de um determinado contexto histórico e cultural, tendo por consequência a “fusão do horizonte do presente com o horizonte do passado”³².

Deste modo, nesta constante vivência de abertura ao outro através do diálogo é possível notar esta perspectiva de sempre um se dar a conhecer ao outro no sentido de que, à medida em que “na pergunta tanto quanto na resposta, algo não dito pode falar concomitantemente e pode ser desconstrutivamente passível de ser descoberto”³³.

Gadamer defende o diálogo aberto como uma tolerância que tem a capacidade de possibilitar o reconhecimento recíproco dos interlocutores no que concerne a conduzir às pretensões de validade, de maneira a permitir o autorreconhecimento e até mesmo a construção do tu, ou seja, da própria identidade dos indivíduos enquanto cidadãos que se reconhecem na alteridade de iguais direitos. Isto por que, através do diálogo, podemos ser tomados como história una da humanidade, sendo, então, “um diálogo e podemos ouvir uns aos outros”³⁴, uma vez que na medida em que mais se conheça as culturas e tradições dos povos em seus diversos períodos históricos, mais é possível que surja diálogo.

Ao observar que se tornam necessárias no estabelecimento de um diálogo condições prévias para que o mesmo possa acontecer por parte dos seus participantes, Gadamer menciona que, “a recusa ao diálogo ou a interrupção de uma tentativa de diálogo com a frase ‘contigo não dá pra conversar’ significa uma situação na qual o entendimento comunicativo está tão perturbado que nada podemos esperar dele”³⁵, havendo assim, o fechamento de um para com o outro na negativa de possibilidade da existência de diálogo. Entretanto, a hermenêutica gadameriana faz este constante apelo para que se escute sempre o outro, pois quem faz isto se abre ao horizonte do outro,

³¹ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 110.

³² GADAMER, H. G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 70.

³³ GADAMER, H. G. *Hermenêutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 110.

³⁴ GADAMER, H.G. *Elogia da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 09.

³⁵ GADAMER, H.G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 311.

assim como “entre povos ou entre círculos culturais e comunidades religiosas [...]: devemos aprender que escutando o outro se abre o verdadeiro caminho em que se forma a solidariedade”³⁶, cabendo destacar que esta é estreitamente ligada à amizade pelos laços que são construídos a partir do diálogo, bem como do conhecimento de aspectos que nos ligam uns aos outros na vida comum. Nas palavras de Darren Walhof:

O núcleo de uma política de solidariedade é uma disposição que nos empurra para interações entre si que permitem a divulgação daquelas coisas que nos ligam um ao outro. Claro, buscando o que é comum entre nós desta forma pode ser difícil e frustrante, e nós muitas vezes não estamos inclinados a tal disposição; é algo que deve de alguma forma, ser engendrado em nós, em parte através do reconhecimento desta abertura em nossas amizades³⁷.

Neste sentido, a amizade pode ser tomada como uma “percepção recíproca”³⁸, onde se observa o conhecimento de determinadas características comuns nos amigos, embora muitas vezes haja certa indisposição frente a esta empreitada do dar-se a conhecer.

A partir da perspectiva de Walhof “as solidariedades de Gadamer destacam coisas que unem as pessoas umas às outras em momentos históricos particulares, contextos culturais e sociais específicos”³⁹, de modo que suas abordagens sobre as solidariedades são relacionadas especificamente a uma distinta política de reconhecimento, de modo a trazer aquelas à nossa consciência. No entanto, cabe destacar que frente à amizade, deve ser colocada também a questão da alteridade, ou seja, do outro na dimensão política de Gadamer, uma vez que, como afirma Walhof, “ainda é frequente presumir que a abordagem de Gadamer suprime a diferença, e com isso potencialmente distorcer suas ideias sobre amizade e solidariedade”⁴⁰.

Pode-se dizer, então, que para a real efetivação da compreensão é indispensável a presença do outro, tendo em vista que “a fusão que produz uma coisa nova não pode ganhar espaço sem o outro que está diante de nós e por cuja presença nossos preconceitos são chamados, colocados em prática e revisados”⁴¹, podendo, então, transformar-se. Com isto, a noção de diálogo da qual Gadamer parte é a de que o

³⁶ GADAMER, H.G. *Ästhetik und Poetik I: Kunst als Aussage*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993, p. 347.

³⁷ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 125.

³⁸ GADAMER, H.G. *Hermeneutics, Religion, and Ethics*. Trans. Joel Weinsheimer. New Haven: Yale University Press, 1999, 139.

³⁹ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 111 – 112.

⁴⁰ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 105.

⁴¹ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 106.

mesmo deixa no outro uma marca, observando que um verdadeiro diálogo se dá à medida em que não seja visto simplesmente como o ter experimentado algo de novo, mas, nas palavras de Gadamer

[...] termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa experiência de mundo. Aquilo que movia os filósofos a criticar o pensamento monológico é o mesmo que experimenta o indivíduo em si mesmo. O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou. O diálogo possui, assim, uma grande proximidade com a amizade⁴².

Deste modo, como mencionado por Gadamer acima, é perceptível que no verdadeiro diálogo acontece esta constante transformação de horizontes individuais, uma vez que rompe-se, pela abertura de um para com o outro no dispor-se à conversação, com a mera introspecção dos sujeitos, ao ponto de ser comparado à dimensão da amizade. Nesta, os seres humanos podem dar-se a compreender até mesmo no simples gesto de rir juntos, conotando este entendimento que transborda e assim, nesta sintonia, construir um tipo de comunhão na qual se preservam as identidades de um e do outro, pois neste encontro com o outro se tem este encontrar-se consigo mesmo. Com isto, o diálogo acaba proporcionando aspectos de elevada importância para a vida comum, tais como a compreensão e o acordo, que são fundamentais para a realização da vida social, de modo que “o esquema do diálogo, quando bem empregado, torna-se muito fecundo: no intercâmbio das forças e no confronto dos pontos de vista vai se construindo uma comunidade que ultrapassa o indivíduo e o grupo ao qual se pertence”⁴³.

Considerações finais

No desenvolvimento de sua hermenêutica atrelada à práxis, Gadamer faz uma reabilitação de Aristóteles com suas concepções de filosofia prática, especificamente no que se refere às reflexões voltadas aos campos da ética e da política. Gadamer argumenta que dentro do contexto da Grécia Antiga havia uma real relação entre a vida dos cidadãos e a dimensão da prática política, uma vez que “a entrada na vida era uma

⁴² GADAMER, H.G. *Verdade e Método: Complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 247.

⁴³ GADAMER, H.G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 98.

entrada na práxis da política”⁴⁴, denotando, então, a tamanha importância da dimensão política do ser humano, dado que este é um ser político, isto é, de relações com seu outro em sua comunidade. Deste modo, Gadamer nos diz que "o ponto filosófico da hermenêutica 'é reivindicar' a tarefa mais nobre do cidadão - a tomada de decisão de acordo com a própria responsabilidade"⁴⁵.

Daí a necessidade de que na dimensão política da hermenêutica gadameriana haja uma consciência cultivada, de forma que para o indivíduo se tornar alguém, o mesmo deve “aprender a pensar junto com o ponto de vista do outro”⁴⁶, para que assim se possa ter entendimento e visão sobre o que é comum. De modo mais amplo, promovendo “a abertura à divulgação da verdade, à possibilidade de compreensão, ao outro em diálogo, ao chamado da tradição e à manifestação das coisas que nos ligam um ao outro”⁴⁷. Cabendo, então, o discernimento entre o melhor e o pior, bem como capacitar as pessoas a identificar e julgar sobre os bens e fins, tendo em vista prestar mais atenção nas realidades políticas e sociais, pois as mesmas não podem ser reduzidas meramente aos indivíduos enquanto sujeitos, mas à própria comunidade que em sua composição dispõe de uma gama de valores e princípios perpassados em sua tradição.

A filosofia hermenêutica de Gadamer é tomada como uma filosofia de cunho moral, de modo a permitir o diálogo entre os diferentes e estranhos. Assim, não se restringe apenas aos mais próximos e comuns às nossas afinidades, mas tem esta capacidade de nos possibilitar a autocompreensão como cidadãos originários de tradições plurais nas quais estamos inseridos, sendo partícipes de uma multiplicidade de experiências que possibilitam o reconhecimento e compreensão do outro através do diálogo, onde se dão a conhecer um ao outro nesta relação constante de ouvir e falar, nesta relação mútua de unidade “que cria comunicação entre os homens e constrói a solidariedade”⁴⁸.

Podemos notar em Gadamer uma hermenêutica que permeia elementos que nos conduzem à busca da prática de ações solidárias em nossa vivência enquanto seres pertencentes a uma vida comum. Nesta vida comunitária, como elencado anteriormente, onde se dá a convivência entre os cidadãos, cabe ser redescobertas as consciências de

⁴⁴ GADAMER, H.G. *Elogio de la Teoría: Discursos y artículos*. Traduzido por Anna Poca. Barcelona: Ediciones Península, 1993, p. 24.

⁴⁵ BERNSTEIN, R. J. *What is the Difference That Makes a Difference? Gadamer, Habermas, and Rorty*, 1982, p. 316.

⁴⁶ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 8.

⁴⁷ WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*, 2017, p. 8-9.

GADAMER, H.G. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 98.

solidariedades já existentes, cabendo assim, esta retomada do aspecto da solidariedade como elemento chave que nos pode unir.

Referências

- BERNSTEIN, R. J. Si la acción fuera o pretendiera ser todo el pensamiento, ese sería el final del pensamiento. Richard Bernstein en conversación con la redacción de Areté. *Areté. Revista de Filosofía*, vol. XVIII, n° 1, p. 159-174, 2006.
- _____. What is the Difference That Makes a Difference? Gadamer, Habermas, and Rorty. *PSA: Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association*. Vol. 2, p. 331-359, 1982.
- CARVALHO, H. B. A. de. Em torno à H.-G. Gadamer. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 29, n. 95, p. 425-436, 2002.
- DA SILVA, D. J. S. Apontamentos sobre a experiência do outro, amizade e solidariedade em H.G. Gadamer. *Revista Peri*, v. 06, n. 01, p. 77 – 98, 2014.
- GADAMER, H.G. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.
- _____. *Verdade e Método II: complementos e índices*. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. *La herencia de Europa*. Barcelona: Ediciones Península, 1990.
- _____. *Arte y Verdad de la Palabra*, Barcelona: Paidós, 1998.
- _____. *Elogia da Teoria*. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001.
- _____. *Elogio de la Teoría: Discursos y artículos*. Traduzido por Anna Poca. Barcelona: Ediciones Península, 1993a.
- _____. *Ästhetik und Poetik I: Kunst als Aussage*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993b.
- _____. *Hermeneutica em Retrospectiva: a virada hermenêutica*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. *Hermeneutics, Religion, and Ethics*. Trans. Joel Weinsheimer. New Haven: Yale University Press, 1999.
- HAMMES, I. L. *Da voz do outro ao encontro de mundos: Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas*. 2012. 135 f. Tese (Doutorado em Filosofia) Programa de Pós Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2012.
- LEÓN, L. O. Ciudadanos de dos mundos: Lo mejor de la herencia europea, según H. G. Gadamer. *A Parte Rei Revista de Filosofia*. n° 57, pp. 1-9, 2008.
- WALHOF, D. R. *The Democratic Theory of Hans-Georg Gadamer*. Palgrave Macmillan; Grand Rapids, 2017.
- _____. Friendship, Otherness and Gadamer's Politics of Solidarity. *Political Theory*, vol. 34, n. 5, p. 569-593, 2006.

Recebido em: 22/07/2018

Aprovado em: 04/12/2018